

O Patrimônio Histórico e Artístico da Procissão do Triunfo na América Portuguesa*

LIA SIPAÚBA P. BRUSADIN**

Resumo: O drama da Paixão de Cristo foi um dos eixos da piedade católica mais representado pelas procissões das associações leigas durante a Semana Santa na América Portuguesa. Os ritos realizados pela ordem terceira do Carmo tinham como propósito rememorar a Paixão e a Morte de Jesus, destacando-se a procissão do Triunfo. O objetivo deste artigo é analisar o contexto do patrimônio histórico e artístico da procissão do Triunfo realizada pelos leigos carmelitas do litoral, Bahia e, interior, em Minas Gerais. A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica, nos livros de Estatuto das ordens, além do registro fotográfico *in loco*. Verificou-se que as primeiras associações instituídas no ultramar seguiam o que era prescrito pelas leis oficiais portuguesas, com o tempo, passaram a adotar as normas internas das ordens. Conclui-se que a prática da procissão foi assimilada e aclimatada em virtude das circunstâncias próprias de cada região e das necessidades cotidianas dos fiéis.

Palavras-chave: Patrimônio; Paixão de Cristo; Procissão do Triunfo; Ordem Terceira do Carmo; América Portuguesa.

The Historical and Artistic Heritage of the Procession of Triumph in Portuguese America

Abstract: The drama of the Passion of Christ was one of the axes of Catholic piety most represented by the processions of lay associations during Holy Week in Portuguese America. The rites performed by the third order of Carmen had as purpose to recall the Passion and death of Jesus, highlighting the procession of Triumph. The aim of this article is to analyze the context of the historical and artistic heritage of the Procession of Triumph carried out by the carmelite laity of the coast, Bahia and, countryside, at Minas Gerais. The methodology applied was bibliographic research, in the Statute books of the orders, in addition to the photographic record *in situ*. It was found that the first associations established overseas followed what was prescribed by portuguese official laws, over time, began to adopt the internal rules of the orders. It is concluded that the practice of the procession was assimilated and acclimatized due to the circumstances proper to each region and the daily needs of the faithful.

Key words: Heritage; Passion of Christ; Procession of Triumph; Third Order of Carmen; Portuguese America.

* Esta pesquisa contou como apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



** LIA SIPAÚBA P. BRUSADIN é Pós-Doutora em História da Arte pelo College of the Arts e School of Arts and Art History da University of Florida. Doutora e Mestra em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente é Professora Convidada da Pós-Graduação Lato Sensu em História da Arte da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Membro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS).

Introdução

Na América Portuguesa, as festividades religiosas eram um dos acontecimentos mais importantes da vida social dos núcleos urbanos. A realização de uma festa correspondia a um espaço/tempo privilegiado, refletia o movimento, com a mistura das coisas com as pessoas, tornando-se um ambiente de excessos e gastos suntuosos. A Igreja da era Tridentina¹ deu grande importância a essa fé exteriorizada, destacando-se o papel das procissões enquanto atos de verdadeira religião e culto divino, em que os fiéis se sujeitavam a Deus esperando a divina clemência para a salvação das suas almas.

O drama da Paixão de Cristo foi um dos eixos da piedade mais representados nas procissões realizadas entre os terceiros carmelitas e franciscanos da América Portuguesa. Desde os séculos XVII existia uma busca constante por aspectos edificantes para a vida dos leigos. Cabe destacar que uma ordem terceira correspondia a associação de fiéis que participam no século do espírito de um instituto religioso, levando uma vida apostólica na busca da perfeição cristã (FRANCO, 1994). As procissões da Semana Santa cumpriam uma função didática ao ensinar aos fiéis as características do sofrimento do Cristo Homem/Histórico. Eram estratégias de convencimento pela imagem sob as diversas formas de expressão da crueldade e da violência da Paixão de Jesus acrescentadas à ideia da reafirmação do catolicismo.

No presente estudo foi analisado o contexto do patrimônio histórico e artístico da procissão do Triunfo na América Portuguesa. Investigou-se as práticas, o acervo usado no cortejo e as

maneiras de aclimação dessa encenação, ou seja, quais as características próprias da encenação da procissão do Triunfo em contrapartida com a realizada pelos reinóis. Foram pesquisadas *in loco* as ordens terceiras do Carmo de Salvador e Cachoeira na Bahia e, em Minas Gerais, as associações de São João Del Rei, Ouro Preto, Mariana, Diamantina, Serro e Sabará, por meio de um contraponto entre litoral e interior da colônia. A partir disso, foi possível compreender como a festividade do Triunfo e suas adaptações atendiam os anseios devotos daquelas comunidades de leigos estabelecendo outros padrões que não eram os definidos pelos reinóis.

O Triunfo da Paixão de Cristo

No século XVIII, as solenidades Quaresmais e da Semana Santa correspondiam a um tempo significativo para o calendário cristão: o da rememoração da Paixão, Morte e Ressureição de Jesus Cristo. A Semana Santa ou Maior é a última etapa da Quaresma com início no Domingo de Ramos. Apesar dos ritos da Semana Santa serem de responsabilidade paroquial, irmandades e ordens terceiras os incluíam em seus calendários festivos. Todos os irmãos tinham a obrigação de participar de tais celebrações e despendiam elevadas quantias de dinheiro. Assim, contratavam artífices para confecção de vestimentas diversas, para a construção e ornamentação dos andores, com a armação de cenários efêmeros, na contratação de músicos, despesas com velas, iluminação da rua, entre outros (CAMPOS, 2011).

Na tradição cristã, o Triunfo é o momento no qual Jesus entra de forma triunfal na cidade de Jerusalém, montado

¹ A Igreja Trindentina se refere ao período do Concílio de Trento (1545-1563), momento em

ocorreu a Contrarreforma Católica para conter o avanço Protestante.

em um jumento (FIG 1), recebido pelos judeus que estenderam mantos e ramos de árvores pelo caminho. Essa passagem foi narrada pelos quatro Evangelistas e complementada pelo evangelho apócrifo de Nicodemos, o qual conta que os filhos dos Hebreus levavam ramos nas mãos. O profeta Zacarias, no Antigo Testamento, também anunciou a vinda do messias, um rei justo e pobre, montado num asno. Essa cena tem como prefiguração bíblica o triunfo do jovem Davi, aclamado depois da sua vitória sobre o gigante

Golias. Tais referências – canônicas e apócrifas –, ofereceram subsídios para a representação de uma entrada messiânica e humilde, não obstante, triunfal. Desde a Idade Média até o início dos tempos modernos, as entradas reais e principescas em uma cidade eram um ato público de afirmação do poder de seus protagonistas, reforçadas pelo modelo de entrada messiânica e triunfal de Cristo, em ocasião do Domingo de Ramos (RÉAU, 1996).

Figura 1: Jesus montado em um jumento, escultura em madeira policromada²



Museu do Louvre
Foto do autor 21/05/2019.

O significado remoto de Triunfo vinculase à Roma Antiga e aos carros triunfais. O Triunfo era a maior honra concedida pelos Romanos, em que se realizava uma solene e pomposa festa. Tarquínio Prisco, o Antigo, (578 a. C.) foi o primeiro a entrar em um carro Triunfal em Roma. Deriva-se do Grego: “*Triamvos*, que significa o mesmo, mou segundo a opinião de Tranquilo, chama-se *Triumpho*, porque para ser digno dele, era preciso hum tríplice consenso, ou huã

aprovação de Tres, a saber, do Exército, do Senado, & do Povo” (BLUTEAU, 1712-1728). Nas cerimônias desfilava o Triunfador, com uma coroa de louros, vestindo opa púrpura ornada por palmas de ouro e com um ramo de louros na mão direita. Ele distribuía ao povo e aos soldados donativos e parte dos despojos do inimigo. Precediam as trombetas e animais enfeitados destinados ao

² Policromia é a camada ou camadas realizadas com distintas técnicas que cobrem total ou parcialmente a escultura proporcionando-a um

acabamento decorativo, o que a faz ser indissociável da concepção e da imagem do todo da obra.

sacrifício, iam também estampas e pinturas dos lugares subjugados.

Para a Igreja cristã, o ideal de Triunfo também se vincula ao Triunfo da Eucaristia, isto é, ao sacramento da eucaristia (RÉAU, 1996), em que Jesus considera a si mesmo o Cordeiro, se oferecendo em sacrifício para a libertação do povo cristão, festejado na Páscoa. Nesse sentido, havia comemorações dos êxitos gloriosos de santos, santas e de Nossa Senhora, esse tipo de festa representava a própria vitória da religião católica. Na coleção de opúsculos e estampas de Diogo Barbosa Machado (1682-1772) foram organizadas as notícias sobre festas e triunfos de Portugal, destacando-se o triunfo de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da ordem terceira da cidade de Olivença, em 1733: “hum glorioso triunfo: este pois se pantenteará em a tarde de 16 de Julho, dia da mesma Senhora, em huma magnifica Procissão, à qual, para mais solenidade precederão algumas figuras de Cavallo, que humas demostrem parte daquelle Todo de virtudes, triunfando” (MACHADO, 1720-1750).

A procissão chamada do Triunfo da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou simplesmente de Triunfo, era realizada pelos terceiros carmelitas, tanto no Reino quanto no Ultramar. Nela, geralmente as imagens da Paixão que compunham os retábulos das igrejas eram retiradas para sair em andor durante o cortejo. Tal conjunto escultórico era composto pelos Sete Passos de Cristo representando: Horto, Prisão, Flagelação, Coroação de Espinhos, *Ecce Homo*, com a Cruz às Costas e a Crucificação.

Em Lisboa, a ordem terceira do Carmo foi instituída no ano de 1629 dentro da igreja conventual e a sua capela foi construída nove anos depois. A procissão do Triunfo acontecia na sexta-feira precedente ao Domingo de Ramos. Conforme os Estatutos, impressos em 1715, sucedia à frente o pendão³, o Prior e o irmão mais antigo, precedidos pelos Secretários e Procuradores das Mesas anteriores e os demais terceiros junto a Cruz da Comunidade. O esquife de Cristo era levado por religiosos carmelitas calçados e descalços. No fim da procissão, iam os mesários com os seus brandões⁴ acesos entre as imagens da Paixão de Cristo e a de Nossa Senhora da Soledade. O préstito terminava com um sermão e as imagens recolhidas para dentro da capela dos terceiros (BAYÓN, 2001).

Manoel de Sá (1727), frei e cronista da ordem, descreveu, datando e localizando no templo das imagens da Paixão de Cristo, que saíam na procissão do Triunfo, cuja ordem mandou fazer às próprias custas, em princípios de 1670: “Nas paredes das ilhargadas tem doze nichos, nos seis primeiros estão as Imagens, que vão na Procissão do Triunfo da Paixão, que se faz na Sesta feira antes da Dominga de Ramos”.

O cortejo do Triunfo também fazia parte do calendário festivo da Semana Santa das outras ordens terceiras de Portugal, tais como: Funchal (1652); Vidigueira (1671); Setúbal (1674); Vila Franca de Xira (1688); Beja (1690); Évora (1691); Horta (1693); Faro (1712); Viseu (1733), Porto (1736) e Moura (1743). A ordem terceira do Carmo de Porto é a única que ainda possui em seus retábulos laterais a série completa da iconografia dos Passos (FIG 2).

3 Bandeira ou estandarte que vai à frente de tropas ou procissões.

4 Vela grossa de cera, círio.

Figura 2: Cristo Crucificado, escultura em madeira policromada



Retábulo-mor da Igreja Ordem Terceira do Carmo de Porto, Portugal
Foto do autor 04/03/2017.

Desse modo, ao celebrar as suas festividades os terceiros carmelitas expressavam seu cuidado e devoção com as práticas piedosas e ainda, permitia aos indivíduos marcarem suas especificidades e diferenciações em relação aos demais fiéis. Apesar dessa tradição ser de origem ibérica, surgiram aclimações e peculiaridades nas procissões, mesmo que aquela sociedade valorizasse a ética cristã enquanto seu princípio formador (CAMPOS, 2004). Por sua vez, não foi a simples reprodução das formas e do espaço de sociabilidade vividos no Reino, embora nele inspirados, ocorreram alterações de acordo com as realidades locais que com o tempo foram se inovando (BOSCHI, 2006). Os templos do Brasil seguem o modelo do programa da Paixão de Cristo português, nem sempre completo, havendo semelhanças e/ou distinções iconográficas e artísticas.

Contingências do Triunfo no litoral: o caso da Bahia

As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* de 1707 determinavam: “Do poder que temos para fazer procissões públicas, e que se não fação neste nosso arcebispado sem nossa licença” (Título XIV, § 491), as quais deveriam estar de acordo com a decência e o culto sagrado, conforme o estabelecido em Trento. Essa normalização não se restringiu somente a Bahia, serviu a todo território colonial, perdurando até o ano de 1906. Cabia a ordem do Carmo realizar sua procissão na Sexta-feira Santa: “E os Religiosos de

Nossa Senhora do Monte do Carmo em Sexta Feira da Paixão”. No entanto, cada ordem terceira apropriava-se à sua maneira do Triunfo da Paixão de Jesus Cristo, variando seus ritos conforme as contingências.

A ordem terceira de Carmo de Salvador seguia tais prescrições fazendo a procissão do Enterro do Senhor na Sexta-feira da Paixão ou Santa. A associação foi fundada em 1636, confirmada pelo Papa Inocêncio XII em 1695, mas, antes disso, os irmãos já possuíam um altar lateral na igreja dos frades dedicado à Santa Teresa de Ávila, sua protetora. No ano de 1788, a igreja da ordem terceira foi destruída por um incêndio durante a Semana Santa. A recuperação do edifício foi lenta, apesar de a associação ser composta por membros da elite, os custos para a reconstrução foram muito altos. O templo foi reinaugurado somente em 1803, ainda em obras, finalizado totalmente em 1817 (CAMPOS, 2003).

No ano de 1696, Frei Manoel Ferreira da Natividade sistematizou as atas que serviram de Estatuto, descrevendo como deveria proceder a procissão do Enterro, muito embora, a fraternidade já vinha realizando o cortejo antes disso (MARTINEZ, 1979). Na solenidade eram usadas as imagens representando os sete Passos da Paixão de Cristo (FIG 3) e as outras ordens religiosas a acompanhavam. Foi inspirada na procissão da ordem terceira do Carmo de Lisboa, tendo lá a denominação de Triunfo.

Figura 3: Cristo no Horto, escultura em madeira policromada



Retábulo lateral da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Salvador
Foto do autor 26/08/2016.

A procissão do Enterro perdurou até inícios do século XX, citada nos Estatutos de 1912, porém, nela iam somente o Esquife do Senhor e a Nossa Senhora das Dores com o Santo Sudário nas mãos (CAMPOS, 2001). É válido destacar que os terceiros carmelitas de Salvador realizavam a procissão do Enterro “à maneira do Triunfo da Paixão”, isso também foi observado na ordem terceira do Carmo de São João Del Rei em Minas Gerais, haja vista que

na Bahia, quem realizava a procissão chamada de Triunfo eram os terceiros dominicanos.

A ordem terceira de São Domingos de Salvador foi a única que se instalou na cidade sem a presença da ordem primeira, tal aspecto a diferencia das outras ordens terceiras as quais foram estabelecidas ao lado dos prédios das ordens mendicantes. Foi fundada por portugueses, os quais eram irmãos terceiros de São Domingos no Reino, o

Papa Benedito XIV eximiu os terceiros dominicanos da Bahia da jurisdição de Portugal (CAMPOS, 2003).

A procissão do Triunfo teve início em 1762 e acontecia no Domingo de Ramos. No ano de 1766, os terceiros dominicanos gastaram a quantia de 2:317\$866, sendo uma das mais onerosas da Bahia (FLEXOR, 2003). O primeiro livro de Estatutos de 1761 da ordem terceira de São Domingos aproveitou diversas passagens do texto

dos Estatutos de 1696 dos terceiros carmelitas de Salvador, os quais foram inspirados nos manuscritos de Lisboa. Logo, a maneira de reger a proceder o préstito era tal qual a dos carmelitas em relação à procissão do Enterro. Os terceiros dominicanos fizeram a procissão por 46 anos ininterruptos, de 1762 a 1807, depois pararam de realizá-la por 11 anos; o último cortejo foi em 1830. As imagens da Paixão de Cristo (FIG 4) dos terceiros dominicanos se encontram na sacristia da igreja.

Figura 4: Cristo Coroado de Espinhos, escultura em madeira policromada



Sacristia da Ordem Terceira de São Domingos de Salvador
Foto: Regina Quites 25/10/2017.

A aclimação da procissão do Enterro “à maneira do Triunfo” reflete que os carmelitas seguiam as normas das *Constituições*, no entanto, a forma de conduzir a festividade era tal qual a dos carmelitas em Lisboa. Até hoje o templo dos carmelitas de Salvador possui as sete imagens da Paixão em seus retábulos laterais e retábulo-mor. No recôncavo baiano, se situa outra ordem terceira do Carmo, em Cachoeira. Tal associação deve ter sido primeiramente institucionalizada enquanto irmandade, para depois ser elevada à categoria de ordem terceira, no seu Estatuto, refere-se que foi fundada na cidade em 1691 (FLEXOR, 2014). Todavia, não foi encontrada documentação que se refira ao Enterro ou Triunfo, acredita-se que celebravam tal qual os soteropolitanos, pois receberam os Estatutos na mesma época que Salvador e possuem o acervo da Paixão guardado no armário da sacristia da igreja (FIG 5).

Figura 5: Cristo Preso, escultura em madeira policromada



Armário da Sacristia da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira
Foto do autor 30/08/2016.

O Triunfo no interior das Minas Gerais

Em Minas Gerais, a construção dos templos sagrados foi fruto das associações religiosas constituídas por leigos, em virtude da proibição da entrada e fixação de ordens religiosas pela metrópole. Dessa maneira, as ordens terceiras não surgiram adjacentes aos

conventos, se estabeleceram nos principais núcleos urbanos (CHAHON, 2008) e eram subordinadas ao convento carmelita do Rio de Janeiro e inspecionadas pelo mesmo.

A primeira ordem terceira do Carmo a se instituir nas Gerais foi a de São João Del Rei no ano de 1727, tendo seu Estatuto aprovado em 1740 (VIEGAS, 1988). Apesar do início da construção da igreja ter sido no século XVIII, a obra foi concluída somente no início do século XX. Durante a Semana Santa, os terceiros carmelitas são-joanenses realizavam a procissão do Enterro, conforme os Estatutos de 1697 e, tal qual era prescrito pelas *Constituições*: “§ 1º Continuar-se-á daqui em diante, como se o presente em se fazer a Procissão solene do Enterro de Christo Senhor Nosso que a Venerável Ordem 3ª faz na tarde de 6ª feira maior pelas ruas públicas da cidade da qual resulta grande edificação a todo este Povo”.

O cortejo são-joanense era feito “à maneira do Triunfo da Paixão” na Sexta-Feira da Paixão. Segundo os Estatutos (1697), eram colocados em andor para a procissão os sete Passos da Paixão “§ 3º (...) 1º andor de Chirsto no Horto (...) E, sendo subsequente: “§ 4º A este 1º andor se irão seguindo os mais por sua ordem até ao andor do passo de Christo crucificado (...)”. Entretanto, o templo possui apenas uma escultura da época da procissão (IBMI/IPHAN, 1994), o Cristo Flagelado (FIG 6). Recentemente, a ordem resolveu completar a série dos sete Passos da Paixão dos retábulos laterais, encomendando as imagens ao escultor nativo Osni Paiva (OLIVEIRA; SANTOS, 2010).

Figura 6: Cristo Flagelado, escultura em madeira policromada



Retábulo Lateral da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de São João Del Rei
Foto do autor 02/01/2017.

Em vista disso, a ordem de São João Del Rei fazia a procissão do Enterro “à maneira do Triunfo da Paixão” como a congênere de Salvador. É possível que os terceiros mineiros dispunham de algumas imagens da Matriz para a realização do cortejo no século XVIII e XIX, ou então, da Irmandade do Senhor dos Passos⁵. Ademais, a cidade detém de capelinhas ou Passos de Rua da Paixão os quais poderiam ser usados na procissão. A última vez que préstito foi feito pelo do Carmo foi em meados do século XIX.

A ordem terceira do Carmo se instalou em Mariana no ano de 1751, pois os irmãos terceiros filiados em Ouro Preto queriam providenciar uma igreja própria. Todavia, essa pretensão ocorreu sete anos mais tarde – em detrimento da contenda com os confrades ouro-pretanos –, pelo fato desta última não ter aceitado perder aquela jurisdição pelos impostos lá arrecadados (VASCONCELLOS, 1938). Contudo, com a justificativa da necessidade de uma prática cotidiana dos exercícios espirituais e da dificuldade de viajar e frequentar a capela e retornar no mesmo dia, o Provincial do Rio de Janeiro concordou com a solicitação. A ordem se instalou provisoriamente na capela de São Gonçalo em 1758 e, somente em 1783, foi realizada a construção definitiva da igreja (OLIVEIRA; CAMPOS, 2010). O templo sofreu um incêndio no ano de 1999 que destruiu parte de seu interior.

Os terceiros carmelitas de Mariana também tinha seu culto vocacionado à Paixão de Cristo no decorrer da Semana Santa. A procissão do Triunfo é mencionada no Livro de Registro de patentes na petição que “a Meza fez a sua Exa Rma para a ProciSsão de Domingo de Ramos como o Triunfo do Sr. e Santos da Ordem” de 1758. Há uma outra petição solicitando a aprovação para o padre Comissário usar capa de asperges⁶ durante a solenidade no ano de 1759: “pertende av^{el} ordem facer sua ProSsição do Triunfo, Levando nella, nãoSo o Andor da ordem mas tão bem os mais tendentes aornato da mesma pociSsão [...]mas sem Como Comissr^o, possahaver Capa de Asperges e SantoLenho, seguindo as formas do Ritual”. Tais citações se referem ao tipo de indumentária usada pelos religiosos da época.

Nos Estatutos de 1805 consta que era uma das obrigações dos irmãos professores: “não faltarem, aos actos principaes da Ordem que são as ProciSsoens do Triunfo em a Dominga de Ramos; assistência, ao Santissimo Sacramento em Quinta feira Maior: à do Enterro do Senhor em Sexta-feira da Paixão”. Dessa forma, esse excerto enfatiza o compromisso de os irmãos estarem presentes durante a encenação do séquito.

A despeito de todos os documentos supracitados mencionarem a procissão do Triunfo, a ordem não possui nenhuma imagem da Paixão da época. Não é possível afirmar que saíam no cortejo as sete esculturas de Cristo, já que não há detalhes sobre como era composta tal solenidade. Na petição de 1758, além dos Cristos, é solicitado pelos irmãos usarem outros santos carmelitas para compor o Triunfo. Os terceiros poderiam realizar o cortejo de uma maneira mais simplificada, com menos andores e imagens. Por sua vez, a ordem de Mariana poderia participar da procissão realizada pelos terceiros de Ouro Preto, entretanto, ambas associações tiveram desavenças. Existem diferentes possibilidades de ambientação da celebração do Triunfo marianense, a festividade terminou em meados do século XX.

5 Lopes (1973, p. 110) encontrou um recibo de 1840 em que a ordem de São João Del Rei alugava à Irmandade dos Passos da mesma cidade, à razão de 10\$400, 50 tochas para sua procissão. Dessa maneira, pode-se concluir que havia um empréstimo de objetos sacros entre as associações laicas.

6 É a vestimenta do Sacerdote, chamada vulgarmente de Capa de Asperges.

A única ordem terceira do Carmo mineira que realizava o Triunfo tal qual era encenado em Lisboa e que possui o acervo completo da Paixão foi a de Ouro Preto. Um dos principais cronistas dessa ordem carmelita da antiga Vila Rica, atual Ouro Preto, foi o irmão terceiro Lopes (1942), que em sua obra faz a transcrição dos principais documentos das suas origens. A ordem terceira do Carmo se instalou em Vila Rica no ano de 1752. A edificação do templo iniciou-se na segunda metade do século XVIII, a primeira referência à construção é o documento de 1766, o risco de Manoel Francisco Lisboa, só sendo finalizada em meados do século seguinte, aproximadamente em 1840.

Nos primeiros Livros de Inventários da ordem existem dados ligados à prática da Procissão do Triunfo. Mencionam a existência de “Sette andores” em 1754, nos anos de 1771-1772, citam que as imagens da Paixão de Cristo dos retábulos laterais constituíam o cortejo: “6 Imagens do Srº que servem na procissão do Triunfo, 3 de Vulto e 3 de Roca” (FIG 7). Os inventários dos anos seguintes fazem menções semelhantes. Já nos do século XIX, é referido: “Sette Andores novos feitos no ano de 1846”, demonstrando que nessa época ainda se fazia e se gastava com o préstito. O último inventário a denominar tais esculturas como do Triunfo é o de 1868: “Huma no Altar do Consistório, e que serve nas procissões de Ramos (...) Seis ditas grandes, as do Senhor, que servem na procissão de Ramos”. Nessa documentação, encontra-se todas as alfaías e até joias usadas no cortejo.

Figura 7: Cristo com a Cruz às Costas, escultura em madeira policromada



Retábulo Lateral da Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Ouro Preto
Foto do autor 04/04/2013.

No Capítulo 33 dos Livros de Estatutos de 1755, observam-se as orientações para a realização da procissão do Triunfo e do Enterro, que deveriam ser executadas com zelo e devoção: “§ 1º Faser há na tarde de Domingo de Ramos, a Procissão do Triunfo, em que Hirão os Sette Passos de J. Christo Senhor Nosso, pelas Ruas publicas da Villa, na qual hirão todos os Irmãos Terceiros com seus Hábitos, e brandoens”. Desse modo, as imagens que até hoje se encontram na igreja, eram descidas, colocadas em andores para sair na procissão, sendo a única ordem com tal característica em Minas Gerais. Esse caráter singular, seja, talvez, pelo fato de a ordem ouro-pretana ter sido durante o século XVIII, a mais precedente e rica.

No Distrito dos Diamantes foram erguidas duas ordens terceiras do Carmo, uma situada em Diamantina e a outra no Serro. É datada de 1758 a fundação dos leigos carmelitas em Diamantina, tendo como sede provisória a Matriz de Santo Antônio. Em 1759 a instituição da ordem foi confirmada pelo Provincial do Rio de Janeiro, ano em que começou a edificação de seu templo (MACHADO FILHO, 1944). Durante a Semana Santa realizava a procissão do Enterro.

Nos Livros de Termos dos anos de 1774 a 1899, foi observado o acerto de pagamento para a música da procissão do Enterro na Sexta-feira Santa, datado de 1777, a: “Jozé Henriques da Costa, Muzico, em ajuste a Muzica para a procissão do Enterro do Snrº em Sesta-feira Santa”. Os gastos com essa procissão são mencionados ao longo dos séculos XVIII e XX. Outra deliberação, de 1825, diz que a realização do préstito era desejo unânime dos irmãos: “acentarão uniformemente em que se fizesse a Procição do Enterro do S^{or} e seu respectivo Sermão, e p^a constar mandarão fazer este Termo em que os

assignaram comigo Secretário”. A última deliberação sobre o Enterro é de 1832.

Nos Estatutos reformados de 1906, não há um capítulo exclusivo sobre as procissões da ordem, foi encontrado somente menções ao que concerne às atribuições do Procurador da ordem: “Compete ao Procurador promover com esplendor possível, as solenidades religiosas da Ordem, a saber: 1ª Procissão do Enterro de Nosso Senhor Jesus Christo, na qual deve haver muita solenidade, silencio e ordem, e sermão, ao menos, ao sahir da procissão”. Atualmente, em Diamantina, as festividades da Semana Santa são realizadas pela Catedral Metropolitana.

Considera-se que na procissão do Enterro saía o esquife do Senhor, o pálido e o andor de Nossa Senhora da Soledade, como era o costume, pois na igreja da ordem terceira do Carmo de Diamantina não há nenhum Passo da Paixão de Cristo. Logo, os irmãos realizavam o cortejo do Enterro sem adaptações e conforme as *Constituições*. Era a congênere vizinha quem fazia a procissão do Triunfo da Paixão de Cristo.

A ordem terceira do Carmo do Serro institui-se por volta do ano de 1761, primeiramente na Matriz de Nossa Senhora da Conceição para depois construir edifício próprio, pois era desejo dos terceiros carmelitas que haviam se desmembrado da ordem de Diamantina (MINAS GERAIS, 1995). As obras só tiveram início depois de 1768 perdurando até o século seguinte.

Os Estatutos de 1767 delimitam a celebração do Triunfo com os Cristos da Paixão da seguinte maneira: “os Sete Passos e em cada Passo, ou andor com seu Anjo com a insígnia do mesmo Passo” estes iam atrás da Cruz da

Ordem, seguidos pelo noviciado e seu mestre, depois caminhavam os irmãos professos, os sacristães, os mesários, sendo os últimos o Prior e o Sub-prior. O Santo Lenho, debaixo do Pálio, era levado pelo padre comissário encerrando a procissão. Os irmãos também eram compelidos a participar dos atos solenes: “será obrigado a não faltar aos cultos principais da Ordem, que são as procissões do Triunfo; na Dominga de Ramos (...) e procissão do Enterro do Senhor em Sexta-feira da Paixão”.

Ainda que, nos seus regimentos estar especificado a realização da procissão do Triunfo, em que saíam os Passos ou andores, na igreja não há nenhuma imagem da Paixão de Cristo. Durante o cortejo, os Passos poderiam ter sido representados por armações efêmeras ou a ordem terceira do Carmo emprestaria da Confraria do Santíssimo as esculturas para serem colocadas em andor, pois era esta associação que custeava com a música no Domingo de Ramos, já que na região não houve a Irmandade do Senhor dos Passos. Também existe a eventualidade dos terceiros nunca terem conseguido executar o cortejo com a pompa demandada, realizando algo mais diminuto.

Os moradores de Sabará devotos a Nossa Senhora do Carmo eram filiados a ordem terceira de Ouro Preto, porém, aspiravam construir igreja autônoma devido a grande distância entre as vilas e à precariedade e perigo dos caminhos. Os terceiros da antiga Vila Rica eram contrários, pois perderiam irmãos e suas contribuições. Entretanto, no ano de 1761 o Bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz, concedeu licença para a constituição de uma ordem autônoma aos irmãos de Sabará (PASSOS, 1940).

No início de suas atividades, a ordem terceira do Carmo de Sabará ocupou um altar na Matriz de Nossa Senhora da

Conceição. Em 1762, foi deliberada pela Mesa a construção de templo próprio no ano seguinte. Os terceiros também faziam a procissão do Triunfo no Domingo de Ramos. A igreja nunca possuiu as esculturas da Paixão de Cristo em seus retábulos, mas sim, santos carmelitas, assim, no Triunfo eram levadas tais devoções.

Nos Estatutos de Sabará do século XVIII é relatado que, abria a procissão a Cruz da Ordem, acompanhada em duas alas pelos irmãos professos, seguidos pelo noviciado e seu mestre, depois iam os irmãos sacristães e a Mesa, o Prior e Sub-prior, e, por fim, o Pálio, sob o qual caminhava o Padre Comissário segurando o Santo Lenho. Logo, saíam dez andores com santos da ordem e figuras alegóricas: “Triunfo a imitação de huma carroça, e nella assentado o amor Divino figura expressa do Triunfo, ou do Christo Triunfante vestido a trágica com côroa imperial”. Salienta-se que esse desfile lembra muito os Triunfos dos santos carmelitas de Portugal, do século XVI, mencionado anteriormente. Tinha um caráter semelhante às origens dos Triunfos romanos, em que saíam carros alegóricos e figuras à trágica. O cortejo de Sabará é mais laicizado que o das demais congêneres.

No ano de 1727, em Lisboa, houve a celebração da procissão do Triunfo pela ordem terceira do Carmo com variações do programa previsto: “Eram sete carroças alegóricas e a de São João da Cruz ocupava o sétimo lugar (...)”. Semelhante aos terceiros de Sabará, o cortejo foi composto por santos da ordem: “As outras carroças pertenciam às confrarias sediadas no Carmo: Santa Ana, Santa Maria Madalena de Pazzi, Santa Teresa de Jesus, Nossa Senhora da Boa Morte, da Piedade, de Jesus Maria e José e de São Roque” (BAYÓN, 2001,

p.385-386). Dessa forma, com essa mudança de programação não saíram as imagens da Paixão de Cristo como era costume.

É mister que, em seus primeiros momentos, a cultura mineira da época colonial tenha-se formado por meio dos modelos europeus. Depois, tais modelos foram assimilados e transformados, de diferentes formas, pelos vários segmentos sociais que espelhavam os diversos níveis culturais. Por uma questão de distinção dos terceiros de Ouro Preto, dos quais se tornaram independentes, os de Sabará se destacaram dentre os carmelitas mineiros por realizar o cortejo de forma diversa da qual era prescrita nos Estatutos das congêneres na América Portuguesa. Pelo fato de não terem em seu acervo imagens de Cristo realizaram a solenidade com santos carmelitas que detinham. Os Estatutos reformados de 1840, mencionam a procissão do Triunfo como uma das obrigações espirituais. Contudo, com o passar do tempo, os terceiros carmelitas sabarenses passaram a realizar um rito mais simples na Semana Santa.

Considerações finais

Era parte do cotidiano das associações leigas a realização de festividades religiosas, especialmente durante a Semana Santa, tornando-as responsáveis por um mecenato artístico que gerou um acervo amplo e diversificado. Foi uma tradição originária dos carros triunfais, desde a Roma Antiga, em que se montavam cenários com representações alegóricas e pompa na decoração. Isso se vincula à mentalidade barroca em que havia uma grande ênfase à misericórdia, visto que não poderia existir triunfo sem sacrifício, era a concepção de Cristo triunfando sobre a sua Paixão.

Nos seus primeiros tempos essas práticas foram concebidas baseadas nos modelos europeus, depois de difundidos, foram assimilados e transformados de diferentes formas de acordo com os grupos sociais e regiões distintas da América Portuguesa. Os ritos aclimatados, poderiam ser considerados vulgarizados e medíocres pelos reinóis, porém eram exteriorização da religião católica no Ultramar. A imagem da Igreja Católica Triunfante acontecia dentro do espaço religioso e nas manifestações exteriores. Dessa maneira, esse tipo de celebração, religiosa e popular, transpassava as fronteiras entre o que era imposto e o que era assimilado, ocorrendo a fruição de ideias e conceitos artísticos de forma dinâmica. Tal intercâmbio levou ao desenvolvimento de temas e experiência próprios à cada localidade através de um fluxo transcultural. Tanto a documentação do patrimônio histórico quanto artístico são testemunhos de tais aspectos.

Assim, a procissão do Enterro “à maneira do Triunfo” feita pelas ordens terceiras do Carmo no litoral seguiam as *Constituições* implementadas pela Igreja Católica no período colonial. Obedeceram, à sua maneira, mais às normas oficiais da Coroa do que as internas dos mendicantes e leigos carmelitas. Com o passar do tempo, houve a institucionalização do Carmo no Ultramar e uma maior adesão de membros da elite da época resultando em um fortalecimento da ordem. Isso fez com que os terceiros passassem a realizar a procissão do Triunfo tal qual era feita pela congênera em Portugal.

A região das Gerais teve como característica a figura do santo mediador, isto é, outros santos presentes nas procissões das ordens terceiras do Carmo. Eram personagens importantes

para a comunicação e vivência daqueles fiéis. As devoções mineiras têm raízes medievais e não somente da Contrarreforma, o que difundiu um catolicismo determinado pela rotina do cotidiano. Portanto, a procissão do Triunfo da Paixão de Cristo na América Portuguesa foi assimilada, aclimatada e acomodada em virtudes de contingências próprias das várias localidades, criando, outros limiares socioculturais e artísticos.

Referências

Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Livro de registro de patentes e mais outras coisas da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Mariana (AEAM). Bloco 1/Livro Q32,1758-1873, Fl. 02.

Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto (APNSPOP). Livro de Inventário das Alfaías da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Vila Rica: anos 1754 a 1806 (livro/inventário – documento completo).

APNSPOP. Livro de Inventário das Alfaías da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Vila Rica: anos 1810 a 1862 (livro / inventário – documento completo).

APNSPOP. Livro de Inventário das Alfaías da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Vila Rica: anos 1770-1841 a 1869-1900-1909 (inventários).

Arquivo Eclesiástico da Paróquia da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar (AEPCBNP). Cidade São João Del Rei. Fundo Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Datas 1697-1810. Actas Leis e Estatutos da Venerável Ordem 3ª da Penitência da Sempre Virgem Maria do Monte do Carmo da Cidade do Rio de Janeiro expostos pelo Muito Revdo. Pº N. Fr. Manoel Ferreira da Natividade, Reformador e Visitador Geral de todo Estado do Brasil e com as vozes e poderes do Revdo. Pº Geral de toda Ordem Carmelitana Frey João Peixoto de Villallobos, Anno 1697.

BAYÓN, Frei Balbino Velasco. **A história da Ordem do Carmo em Portugal**. Lisboa: Paulinas, 2001.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...**

Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728, pp. 299-301. 8 v. Biblioteca Brasileira e Guia José Mindlin. Dicionário Raphael Bluteau. Vocabulário Português & Latino. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario>>. Acesso em: 05/05/2018.

BOSCHI, Caio. Espaços de sociabilidade na América Portuguesa e historiografia brasileira contemporânea. **Varia História**. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, Jul./Dez. 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Arte Sacra no Brasil Colonial**. História e Arte. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2011.

CAMPOS, Adalgisa Arantes; FRANCO, Renato. Aspectos da Visão hierática no barroco luso-brasileiro: disputas por precedência em confrarias mineiras. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, nº 17, 2004.

CAMPOS, João da Silva. **Procissões Tradicionais da Bahia**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 2001.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **A Pintura Religiosa na Bahia (1790-1850)**. 2003. 514f. Tese (Doutorado em Ciência e Técnica do Patrimônio) – Departamento de Ciência e Técnica do Patrimônio da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2003.

CHAHON, Sergio. **Os Convidados para a Ceia do Senhor: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia Feitas e ordenadas pelo Illustrissimo, e reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de sua Magestade, propostas e aceitas em o synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Lisboa, Miguel Rodrigues, 1707.

Estatutos da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Sabará. Século XVIII.

Estatutos da Ordem 3ª de N. Senhora do Monte do Carmo. Erecta na Villa do Príncipe, 1767.

Estatutos da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da cidade de Sabará. Ano 1840.

Estatutos da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Cidade de Mariana, 1805.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Procissões na Bahia: Teatro Barroco a céu aberto. In: II Congresso Internacional do Barroco, Porto, 2003.

_____. **Igrejas e Conventos da Bahia**. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2010 (Roteiros do Patrimônio I, II e III).

FRANCO, José Eduardo. **Dicionário Histórico das Ordens**. Lisboa: Gradiva, 2010.

Inventário de Bens Móveis Integrados do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IBMI/IPHAN) - Minas Gerais, Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1994), Módulo 2 – Região de São João Del Rei, Volume 5.

Livros de Estatutos da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Vila Rica: ano 1755.

Livro de Termos p^a o governo da Venerável Ordem 3^a do Carmo do Tejuco! Ano 1774 a 1899.

Livro de Compromissos da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Diamantina. Reformado pelo Comissário da Ordem Padre José Pedro Lessa, 1906.

LOPES, Francisco. **A História da Construção da Igreja do Carmo de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Publicação do SPHAN, 1942.

LOPES, José da Paz. Uma corporação religiosa: vida e obra da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo da Vila de São João del-Rei durante o século XVIII e XIX, segundo seu próprio arquivo. **Revista Histórica**, 1973.

MACHADO, Diogo Barbosa (Abade Parochial da Igreja de Santo Adrião de Seves, e Academico da Academia Real). **Notícias das Festas, e Procissões Que em Portugal se dedicarão Deus, sua Mãe Santíssima, e diversos Santos**, 1720-1750 (Tomo IV).

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **Arraial do Tijuco da Cidade de Diamantina**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. Publicações do serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 12, 1944.

MARTINEZ, Socorro Targino. **Ordens Terceiras**: ideologia e arquitetura. 1979. 347f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

MINAS GERAIS. Monumentos Históricos e Artísticos - Circuito do Diamante. **Revista Barroco**, 1995, nº 16 (Coleção Mineiriana-Série Municípios e Regiões).

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; SANTOS, Olinto Rodrigues dos. **Barroco e Rococó nas Igrejas de São João Del-Rei e Tiradentes**. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2010 (Roteiros do Patrimônio/2 volumes).

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana**. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2010 (Roteiros do Patrimônio/2 volumes).

PASSOS, Zoroastro Vianna. **Em torno da história do Sabará**. A Ordem 3^a do Carmo e a sua Igreja obras do Aleijadinho no templo Rio de Janeiro: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1940.

RÉAU, Louis. **Iconografia del Arte Cristiano**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996, (Iconografia de la Biblia – Nuevo Testamento, Tomo 1/Vol. 2).

SÁ, Manuel (Mestre e Frei). **Memórias Históricas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal**. Parte Primeira Que Entregou na Academia Real da História Portuguesa. E Ao Reverendíssimo Padre Mestre Fr. Gaspar Rizolante, Doutor Geral na Sagrada Teologia, Geral Visitador, e Comissário Apostólico de toda a dita Ordem da antiga Observância... Lisboa Occidental: Officina de José Antônio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1727.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Mariana e seus templos** (era colonial) 1703-1797. Belo Horizonte: Gráfica Queiroz Breyner Ltda, 1938.

VIEGAS, Aluizio José. “A Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de São João del-Rei e sua Igreja”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João Del Rei**. São João Dell Rei, v. 6, 1988.

Recebido em 2021-10-01
Publicado em 2024-08-30